

Até hoje, sentimos os efeitos do Big Bang como uma radiação residual que produz diversas interferências, como o chiado de TV. O barulho alto, agudo e repentino após uma explosão pode danificar os ouvidos, de modo temporário ou permanente, causando um zumbido. De uma forma ou outra, trata-se do efeito prolongado de uma irrupção. Essa imagem parece servir bem para pensar as manifestações ocorridas a partir de junho de 2013, que foram apelidadas carinhosamente de jornadas de junho. As revoltas populares em reação ao aumento do preço da passagem de transporte público em São Paulo desencadearam diversos levantes no país inteiro e mobilizaram inúmeras insatisfações.

O que começou como exigência por redução do valor das passagens e melhoria na qualidade do transporte público tornou-se uma miríade de confrontos. O bordão “Não são só 20 centavos” nos dá uma pista para as jornadas como um lugar de disputa e sobre o limite da política de conciliação. As imagens que a mídia produziu sobre as manifestações foram, em geral, embebidas pela ânsia de correr no rastro da Primavera Árabe e dar um significado pronto aos atos inéditos que ocorriam no Brasil.

Logo se soube que era de fato, algo totalmente novo que convocava o povo à rua. A chamada para os protestos era descentralizada, ainda que uma autoria fosse atribuída (também pela mídia) ao Movimento Passe Livre (MPL). A composição das massas era diversificada e contava, inclusive com a participação de setores do centro e da direita do espectro político. Se a presença rebelde nas ruas era um apanágio das esquerdas, isso mudou nesse momento – e tornou-se cada vez mais comum com os atos pró-impeachment da presidenta Dilma, bolsonaristas e antipetistas.

Uma explosão, o caos momentâneo. Dez anos depois, como identificar o chiado resquicial? Se não é possível, nem desejável, reproduzir as fórmulas de análise daquela situação, o que nos cabe hoje?

Nessa pegada, o Ateliê397 em parceria com a GLAC Edições realiza uma série de debates a respeito das jornadas de junho e seus desdobramentos. O pensamento crítico a respeito desse momento também se exprime na exposição Chiado, com curadoria de Bruna Fernanda e Caio Bonifácio, que reúne trabalhos assinados individual e coletivamente por Fred Ravioli e Gabriel Ussami mais um grupo de artistas e militantes.

Não poderíamos cometer o erro de estetizar a política, o que já foi denunciado por Walter Benjamin como estratégia fascista. Podemos, porém, pensar em uma estética política ou no serviço político da arte.

Fred e Gabriel se reuniram, anos depois da deflagração de 2013, para colher e reproduzir registros das revoltas que se espalharam pelo Brasil. Eles pintaram juntos uma série de imagens que capturam esse eventos não só como índice de memória, mas também como criação pictórica reproduzindo nas pinceladas as experiências intensas e incendiárias que tomaram as ruas a partir de então. Aqui, a pintura 3ª Ponte, Vitória dissolve em tinta a identidade dos participantes e faz referência à força coletiva e de obstrução do movimento sinuoso que tomou a ponte que liga as cidades de Vitória e Vila Velha, no Espírito Santo, em 2014.

Por outro lado, daquelas criações das quais temos apenas registros e reproduções, uma vez que sua presença no mundo foi para um uso específico, contextual, o deslocamento pode ser também uma usurpação? Na exposição, há cópias dos cartazes produzidos para a divulgação de atos – sabemos que alguns dos desenhos foram feitos por Fred, mas é o questionamento da noção de autoria que precisamos apontar. Uma manifestação, seu material, suas pautas, sua presença, seus gritos, suas imagens pertencem ao coletivo.

A experiência de organização coletiva e as ferramentas desenvolvidas especialmente para a produção desses objetos políticos retornam com a prática dos artistas. Na obra de Fred, a execução de formas infláveis com figuras ambíguas são inseridas em protestos de diversas filiações políticas. Contamos com dois infláveis na mostra: um que carrega a inscrição “Morte nunca mais” e está completamente murcho, pendurado na área externa do galpão do Ateliê397; o outro são duas bolas, uma verde e uma amarela, cheias, escrotas.

Talvez o uso de materiais muito precários seja o ponto mais evidente da contaminação da prática artística pela prática política. Os sacos de lixo usados para produzir os infláveis, também estão nos trabalhos bidimensionais de Fred. Gabriel tem uma preferência pelo uso do papel como suporte da pintura, ainda mais quando este vem de cartazes apropriados de totens em pontos de ônibus. Nas tintas, a predileção também é pela acrílica, de secagem rápida.

Como na *Morte de Marat*, de Jacques-Louis David, a pintura é feita às pressas, muitas vezes deixada inacabada, para ser usada de estandarte e cumprir sua função política – como arte de nosso tempo. Um levante, uma revolta, são respostas a uma opressão exercida sobre o coletivo e são também formas de expressão de um sentimento desse grupo. A passeata, a greve, a ocupação, o black bloc são estratégias criadas para resistir ao poder – assim, também são as estratégias estéticas.

O que dá a uma imagem, a um objeto o estatuto de arte não é sua produção, mas um momento posterior, de apropriação. O objeto exposto nas paredes de um espaço de arte nunca seria o mesmo objeto que circula em um ato político – é o uso que modela sua definição. O que fica depois do uso desses objetos? O que eles são hoje para nós?

— Bruna Fernanda e Caio Bonifácio

CHIADO

Frederico Ravioli e Gabriel Ussami

Bruno Storni, Daniel Pierri, Ettore Shultz, Francisco Miguez, Gabrielle Paiva, Greta Comolatti, Ingrid Fernandes, Juliana Ito, Laura Viana, Leonardo Zeine, Maíra Suzuki, Rafael Frederico, Renato Maretti, Renzo Barbe, Suelen Moreira

Curadoria: Bruna Fernanda e Caio Bonifácio **Produção:** Leticia Ranzani **Design:** Thiá Sguoti **Comunicação visual:** Caio Bonifácio, Gabriel Ussami e Thiá Sguoti **Montagem:** Frederico Ravioli, Gabriel Ussami e Ricardo Pereira **Impressões:** Capovilla; Aldott Gráfica e Copiadora

ATELIÉ397

Gestão: Bruna Fernanda, Caio Bonifácio, Érica Burini, Tania Rivitti, Thais Rivitti **Produção:**
Leticia Ranzani **Design:** Thiá Sguoti